

REVOLUÇÃO E PAIXÃO NA VIDA ADMIRÁVEL DE IARA IAVELBERG

Gabriela Moncau
Jornalista

Arquivo de Samuel Iavelberg



Ela gostava de lecionar, primeiro no cursinho do grêmio, e — depois de graduada — no próprio Instituto de Psicologia (IP-USP), como professora assistente. Aproximou-se do teatro, tornou-se entusiasta da emancipação feminina, ingressou na militância política. Engajou-se na oposição armada à Ditadura Militar, tendo atuado na Polop, VPR, VAR-Palmares e MR-8. Apaixonou-se pelo líder guerrilheiro Lamarca, numa das mais belas e trágicas histórias de amor da esquerda brasileira. Executada em 1971 na Bahia, pela repressão política, o regime inventou que fora “suicídio”

Estava agachada, com arma na mão, em um banheiro do apartamento 202, vizinho do seu. Tinha planejado pular a muretinha que separava um do outro, naquele 20 de agosto de 1971, em pleno governo do general Médici. O edifício Santa Terezinha, na Pituba, em Salvador, estava cercado pela polícia, e Iara Iavelberg, guerrilheira do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), podia ouvir o coronel Luiz Arthur ao megafone, conclamando todos a se renderem. O apartamento 201 estava fumigado com bombas de gás lacrimogêneo e de lá saíram três dos militantes que moravam no aparelho, mais a empregada e duas crianças.

Os recém presos foram colocados na caminhonete do DOI-CODI e a polícia julgava ter terminado o trabalho por lá. Orientaram os moradores a voltarem aos apartamentos e abrirem as janelas, para liberar o gás. Um menino, José Arthur Bagatini, sobe então para onde morava, no 202, e quando abre o quarto de empregada, dá de cara com Iara. Ela pede silêncio.

“O menino fecha a porta e, de acordo com um documento interno da Polícia Federal a que tivemos acesso por meio do Arquivo Nacional de Brasília, não fala imediatamente para a polícia”, conta Flávio Frederico, diretor do documentário “*Em busca de Iara*”, em audiência sobre a militante, na Comissão da Verdade “Rubens Paiva”, da Assembleia Legislativa de São Paulo, realizada em março. “Ele ficou em dúvida sobre o que fazer. Contou para a mãe, que ficou apavorada e contou pa-

ra o tio, que conhecia alguém da polícia e avisou”, relata. Foi então que a polícia voltou ao prédio, e saiu de lá com Iara Iavelberg — identidade que só descobririam mais tarde, era uma das mais procuradas do país — morta, atingida por um tiro no peito.

Suicídio, segundo a versão oficial, ratificada por laudos médicos e documentos do Exército que desapareceram. O caixão, que só chegaria para a família em São Paulo um mês depois — retiveram a informação para que não atrapalhasse a captura de Carlos Lamarca, seu companheiro, em fuga no sertão baiano — veio lacrado.

Simone de Beauvoir e Betty Friedan é que despertaram Iara para temas como a emancipação feminina e a liberdade sexual. “Tudo que fosse revolucionário, pode ter certeza de que a Iara ia se interessar. Era uma pessoa sempre à frente do seu tempo”, diz a amiga Maria Lucia

Samuel Iavelberg, ou Melo, como era chamado desde pequeno pela irmã mais velha, estava exilado em Santiago quando a imprensa chilena o avisou da morte de Iara.

Nesse mesmo dia a notícia chegava aos pais David e Eva.

Tuta Magaldi, sua colega da Psicologia da USP, recebeu a notícia do pai, médico engajado. “Eu estava chegando da rua, de noite, e ele estava me esperando na porta. Disse: ‘Tenho uma notícia para você, bem ruim’”, recorda. Maria Lucia Carvalho, também no exílio chileno depois de prisão e tortura, tomava um chocolate quente num barzinho quando viu na televisão a foto de Lamarca e a notícia de que ele e sua melhor amiga estavam mortos.

Mariana Pamplona era ainda três meses de barriga de Rosa Iavelberg, irmã de Iara e a caçula de quatro irmãos. Roteirista do filme dirigido por Frederico que será lançado no início de 2014, Mariana explica que a ideia principal do longa é desvendar quais foram as reais circunstâncias da morte de sua tia. “Ouvia sua história desde pequena. Quando eu fiz 15 anos li na íntegra o diário que o Lamarca escreveu para ela no sertão da Bahia, o que me emocionou muito. Sempre tive a Iara muito forte dentro de mim, desde que me conheço por gente”, resume. “E sempre duvidamos da tese do suicídio”.

Nascida em 1944 numa abastada família judia do bairro do Ipiranga, em São Paulo, Iara Iavelberg estudou na Escola Israelita do Cambuci e se casou aos 16 anos com um médico, também judeu. “É, o casamento dela foi um... tropeço”, observa o irmão Samuel, com humor. A entrada no curso de Psicologia em 1963, na rua Maria Antônia, marcaria a mudança nos rumos de sua vida e o início do seu engajamento político.

Fotos: Daniel Garcia



Tuta Magaldi

Foi lá, logo no primeiro ano, que desenvolveria grande amizade com suas colegas de sala, Maria Lucia e Evelise. Sempre carregando uma caixa de lenços de papel por conta da incessante rinite, Iara descobriu na efervescência da Maria Antônia o interesse por teatro, a Cinemateca Brasileira na rua Sete de Abril, o Cine Bijou da praça Roosevelt, os temas relacionados à liberdade sexual, emancipação da mulher, os ousados artigos de Carmen da Silva, na *Revista Cláudia*.

Em *Iara, reportagem biográfica*, a jornalista Judith Patarra aponta que a entrada de Iara na faculdade abriu horizontes à família toda. “Converteu os irmãos menores à música erudita, Vivaldi primeiro. Introduziu-os aos filmes de arte. Levou Raul [irmão] ao teatro pela primeira vez; assistiram *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, no TUCA”, descreve. “Quando almoçava no Ipiranga escolhia temas polêmicos. ‘Por que não dormir com o namorado? Por que tem de casar virgem?’”



Maria Lúcia Carvalho

“Simone de Beauvoir acho que foi quem despertou Iara para essas questões. Também aquela estadunidense, Betty Friedan. Tudo que fosse revolucionário, pode ter certeza que a Iara ia se interessar. Era uma pessoa que estava sempre procurando coisas mais à frente do seu tempo, muito estudiosa”, caracteriza Maria Lucia, hoje funcionária pública aposentada.

Não demorou para que o irmão Samuel Iavelberg começasse a se organizar na Organização Revolucionária Marxista Política Operária (Polop). “Eu e Iara éramos muito amigos e sempre militamos na mesma organização”, conta Samuca, repórter-fotográfico de renome

A única recusa de Iara a fazer um trabalho acadêmico ocorreu na disciplina de Biologia, uma das poucas que tinha na Cidade Universitária, quando os alunos tiveram de dissecar um sapo vivo, anestesiado. “A violência e o sofrimento do animal horrorizaram-na. Abandonou a sala”, conta Judith.

Mas foi na Biologia que lhe chamou a atenção um colega que lia um livro, ignorando o professor. Cláudio Willer, poeta, fazia parte de um grupo de artistas plásticos surrealistas e circulava no meio da boemia literária. Tinha ganhado fama ao hostilizar o cronista Paulo Bonfim e os concretistas e distribuiria, na Bienal daquele ano, um necrológio anunciando a morte dos poetas Lindolf Bell, Hilda Hilst, Renata Pallotini e Ferreira Gullar, entre outros. Apresentou a Iara as ideias anarquistas e da geração *beat*.

Samuel, apenas um ano mais novo do que a irmã, tinha entrado em Física na mesma Maria Antônia e jogava futebol. A Associação Atlética da faculdade era dentro do grêmio. “Por conta disso eu comecei a descobrir as assembleias, a movimentação política dos estudantes”. Não demorou para que começasse a se organizar na Polop, ou Organização Revolucionária Marxista Política Operária. “Eu e Iara éramos muito amigos e sempre militamos na mesma organização”, expõe Samuca, como é conhecido por amigos e colegas o hoje jornalista e repórter-fotográfico de renome.

A primeira mobilização de que Iara participou foi no início de 1964, quando João Pinheiro Neto, da Superintendência da Reforma Agrária

do governo João Goulart, foi convidado a participar das “Conferências pela Paz” na Faculdade de Direito da USP. Alguns grupos conservadores o impediram de entrar, enquanto os organizadores do evento bradavam pela reforma agrária. O dia terminou com porradas, tiros e fogo no carro do convidado.

Foram poucos os da Faculdade de Filosofia que ficaram de fora da greve que a UNE convocou em seguida, junto com o Centro Acadêmico XI de Agosto, pela liberdade de expressão e contra a política do governador Adhemar de Barros. Consumado o golpe militar, a greve passou a ser geral e uma assembleia sob coordenação do então presidente do grêmio da Filosofia, Fuad Daher Saad, sob aplausos e lágrimas, votou pela ocupação da faculdade.

“Com o golpe em 1964, acho que o processo do nosso engajamento político se acelerou”, avalia Maria Lucia. “As organizações que existiam na época no movimento estudantil eram basicamente o Partido Comunista, a Polop e a Ação Popular. Por afinidade com algumas pessoas, a gente acabou se engajando na Polop. É engraçado, uma opção pessoal mesmo. Lembro de uma influência do Emir e do Eder Sader, mas não sei dizer se teve alguém em especial que foi determinante para essa escolha”, afirma.

Para Samuel, a vida de Iara na universidade era dupla. Por um lado a militância do movimento universitário, voltada também para as reivindicações da Psicologia: ela chegou a ser presidente do chamado Centrinho (Associação Universitária dos Estudantes de Psicoló-

gia), que hoje leva seu nome. “A gente queria uma participação dos estudantes nas decisões sobre a estrutura do curso. A respeito da categoria, havia uma discussão, ainda incipiente, sobre as internações violentíssimas a que eram submetidos os doentes mentais”, comenta Maria Lucia. As duas contribuíram na criação do Serviço de Atendimento Psicológico (SAP), voltado para pessoas pobres. Por outro lado, Iara envolvia-se nas atividades políticas da Polop, que incluíam grupos teóricos, venda de materiais e panfletagens na porta de fábricas como a da Ford, no Ipiranga.

Tuta Magaldi, diretora da Divisão de Creches da USP, lembra que a amiga influenciou sua própria opção de vida “Discutíamos muito sobre educação, sempre foi um tema que me encantou e Iara colaborou bastante para que eu decidisse ficar nesse ramo”

Por um tempo, Iara quis ser atriz e participava do grupo do TUSP. As primeiras leituras dramáticas foram Oswald de Andrade e Brecht. “Paulo José percebia que Iara julgava as peças pouco arrojadas. Não se concentrava e perdeu a chance de subir no palco”,



Samuel Lavelberg

conta Judith, referindo-se ao ator que dirigia o TUSP à época (*vide p.*). Trocava cartas com sua grande amiga, Heleny Guariba, que na época estava em Paris e contava que pretendia aplicar no Brasil o aprendizado na rede das Casas de Cultura francesas. Heleny voltaria para o Brasil em 1967, daria aulas de dramaturgia no Teatro de Arena e dirigiria o grupo “Teatro da Cidade”, em Santo André. Em 1969 começou a militar na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Assassinada pelo Exército, Heleny encontra-se desaparecida até os dias de hoje.

Vaidosa e com muitos namorados, por vezes Iara foi censurada na Polop. “Mais por machismo do que por moralismo”, interpreta Regina Sader, então estudante de Ciências Sociais que se casou com Eder Sader, citada no livro de Judith. “Gozadora, Iara não levava nada muito a sério, menos ainda os caretões da Polop. Se alguém fizesse sermão ela ironizava, sem ofender ou criar ani-



Exumação dos restos mortais de Iara, em 2003

mosidade. Numa boa. E a pessoa desistia, embaraçada”, completa em seguida Francisco Sales, o Chicão, companheiro de militância e futuro marido de Maria Lucia.

O primeiro ano de Tuta no curso de Psicologia da USP foi o último de Iara. Ainda aluna do cursinho do grêmio, Tuta a viu pela primeira vez, quando Iara, lecionando para os futuros colegas, andava e gesticulava sobre o tabladinho da sala: “Fiquei muito impressionada com ela desde essa época. Pensei: ‘que mulher porreta’”. “As aulas eram um sucesso. Ela falava sobre a liberação da mulher, sobre o que queria. Vinha gente que nem era do cursinho para assistir”, salienta Samuel.

“Quando eu entrei na faculdade em 1967, a Iara era amiga de um

moço chamado Elias da Rocha Barros, e ele me convidou para compor uma chapa do Centrinho de Psicologia. Quem estava na oposição era a Iara, então em setembro de 1967 nós ganhamos da chapa dela”, diz Tuta Magaldi. Ainda assim, tornaram-se muito próximas. “A gente fazia parte das mesmas células para ir às passeatas. Discutíamos muito sobre educação, sempre foi um tema que me encantou e acho que a Iara colaborou bastante para que eu decidisse ficar nesse ramo”, relembra Tuta, atualmente diretora da Divisão de Creches da USP.

Em 1968 Iara começou uma pós-graduação que não concluiria, junto com Maria Lucia, período em que também deu aulas no próprio Instituto de Psicologia da USP, de modo informal, como professora assisten-

te. “Se não tivesse acontecido o que aconteceu, hoje ela seria professora titular da USP, não tenho a menor dúvida. Era uma pessoa que gostava muito do mundo acadêmico, de dar aulas”, reflete Maria Lucia.

Em 1967, a Polop teve o primeiro racha, em um congresso na Praia Grande, litoral de São Paulo. Alguns queriam um enfrentamento imediato e significativo com o regime militar: o sucesso da Revolução Cubana em 1959, e posteriormente a guerrilha liderada por Che Guevara na Bolívia (que culminaria, porém, no assassinato do líder revolucionário), inspiraram parte do grupo, que optou pela luta armada. Iara estava entre os que se uniram aos remanescentes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) para constituir a VPR.

Samuel conheceu Lamarca em uma ação da qual os dois foram encarregados. “Quando o vi, já reconheci, a cara dele aparecia estampada como procurado nos jornais. E ele me reconheceu como irmão da Iara. Nos cumprimentamos e bom, já acabou a segurança porque eu sei quem esse cara é”

Clandestina, seu nome era Clara. Um dia, antes de uma viagem que faria ao Vale do Ribeira para treinamento militar e dar aulas de marxismo aos companheiros, Iara foi à casa de Tuta, para uma consulta médica com o pai desta. “Me lembro da gente conversando no sofá e ela me contou que estava com um grande amor. Me fez uma descrição muito bonita dele, ‘é um dirigente importante, um cara sério, interessante, muito amoroso, quero que você conheça ele um dia’”, rememora. “Diferente de tudo o que já tinha vivido”, classificou, “mas também era muito difícil, porque a cada despedida eles não sabiam se iam se encontrar de novo”.

Nesse dia, Tuta ficou encarregada de ir a um armazém na Avenida Duque de Caxias, em São Paulo, e comprar apetrechos para a viagem. “Comprei uma porção de coisas.

Cantil, coturno, bolsa de lona verde, e numa segunda vez que ela foi em casa eu entreguei tudo, foi a última vez que eu a vi”, relata.

A paixão entre Iara e o capitão carioca Lamarca, filho de um sapateiro e de uma dona de casa, começou em abril de 1969, dois meses depois que ele desertou do Exército, levando consigo 63 fuzis, três metralhadoras e toda a munição que podia carregar.

Samuel conheceu Lamarca em uma ação da qual os dois foram encarregados. “Quando o vi, já reconheci, a cara dele aparecia estampada como procurado nos jornais. E ele me reconheceu como irmão da Iara. Nos cumprimentamos e bom, já acabou a segurança porque eu sei quem esse cara é, mas enfim...” Depois de um tempo, Samuel foi incumbido de fazer a transferência de Lamarca para o Rio de Janeiro. Encontraram-se um dia antes, iriam em dois casais. “E a Iara estava lá, foi quando eu percebi que eles formavam um casal de verdade, não o falso que estávamos arranjando. Mais um erro de segurança”, conta.

Questionado quanto ao conhecimento dos pais da militância clandestina dos filhos, Samuel salienta que a mãe sim, sabia. “Eu participava muito do movimento estudantil. Quando fomos para a VPR, tive que fazer a cena de que tinha parado de militar. Falava que tinha me desiludido, minha mãe não acreditava”. A desconfiança de dona Eva se confirmou quando viu que um hospital militar em Cambuci havia sido atacado por um grupo revolucionário e, em seguida, encontrou um capacete militar no quarto do filho. “Eles



Carlos Lamarca

achavam interessante judeus serem socialistas. Achavam legal, como estudantes. Depois não sei muito bem o que achavam”, resume.

Em 1969 a fusão da VPR com o Comando de Libertação Nacional, ou Colina, deu origem à VAR-Palmares, ou Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, na qual também atuaria Dilma Rousseff, codinome Vanda. A ação mais famosa da organização foi a expropriação de mais de 2,5 milhões de dólares do “cofre do Adhemar”, confiado a uma amante pelo então ex-governador Adhemar de Barros.

Em junho de 1971, quando fotografias dos dois já estavam espalhadas Brasil afora em cartazes de “terroristas procurados”, Lamarca e Iara saíram do Rio de Janeiro, onde moraram por alguns meses, e foram para a Bahia, juntando-se ao MR-8. Com o nome de Cirilo e dizendo-se geólogo, o capitão foi enviado para o sertão, próximo ao Rio São Francisco, e Iara, para Salvador (vide *Revista Adusp* 52, <http://goo.gl/TN9nzd>).



*lara sempre feliz, seja
com as colegas na
escola, seja como noiva
em plena adolescência,
ou em viagem a passeio.
Imagens cedidas por
Samuel Iavelberg*

“Para mim é uma incógnita como ela conseguiu lidar com essas questões no âmbito da luta armada, porque ela era ligada aos grupos de teatro, aos debates da contracultura, disposta a experimentar”, diz Maria Lucia. “Mesmo na VPR, às vezes escandalizava os militantes mais velhos, com roupas bonitas, ousadas”



Entre 8 de julho e 16 de agosto de 1971, Lamarca escreveu um diário com 39 trechos (um por dia) dedicados a Iara, a quem chama de “neguinha”. “O nosso amor é uma realidade que veio sendo transformada — hoje atinge um nível nunca por mim sonhado, mas vamos continuar transformando. Sonho com ele numa fazenda coletiva — juro não ser ciumento e lutar junto contigo pela tua liberdade — e vou te amar mais intensamente, isto é possível, sinto que é”. “Nosso amor não está isolado na realização de nós dois, nem nos milhares de filhos que teremos, ele nasceu e estará umbilicalmente ligado à Revolução e construção do Socialismo”, escreve.

“Penso adoidadamente em ti — é impressionante — nunca pensei amar tanto”, declara o capitão, então ini-

migo número 1 da Ditadura Militar. O diário nunca chegou à destinatária. Foi para as mãos de João Lopes Salgado, codinome Fio, e em seguida para César Benjamin, o Menininho, na época com 17 anos. Benjamin estava num fusca no Rio de Janeiro quando foi abordado pela polícia, perto de Ipanema. Escapou durante a revista. Ficaram no carro os outros três companheiros, uma mala de roupas, uma arma e o envelope com o diário de Lamarca. As últimas linhas do capitão, que seria morto em setembro daquele ano: “Te amo, te adoro. Segue esta carta impregnada de amor — vou te ver nem que seja a última coisa da minha vida e mil beijos do teu amor”.

O último contato de Samuel com Iara foi uma carta, entregue por um militante do MR-8 que viajava em missão para Cuba e passou pelo Chile. “Eu respondi, não sei se ela recebeu. Na época havia um movimento do MR-8 para que ela e o Lamarca saíssem do Brasil. Mas na carta ficava claro que os dois tinha decidido ficar”, diz. “Nós, da luta armada, não conseguíamos ver que estávamos sendo ani-

quilados. Ela argumentava que eles tinham que dar o exemplo. Exemplo de não abandono da luta”, analisa.

“Quando a Ditadura começa a engrossar depois do AI-5, muita gente resolveu parar de militar. E o termo pejorativo que se usava para eles era de que eram ‘desbundados’”, relata Samuel. O “desbunde” valia tanto para os que saíam da luta armada, quanto para os ligados a movimentos relacionados à contracultura, aos hippies, à experimentação de drogas, ao amor livre etc.

“A esquerda armada tinha uma visão estreita em relação a isso”, avalia: “Mas o pessoal dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, vinha predominantemente do movimento estudantil, que era ligado ao que chamavam de ‘esquerda festiva’: crítica à monogamia, uso de drogas, libertação nas relações. Foi um grande choque em algumas organizações”, lembra, sorrindo. “Imagina os senhores comunistas, militantes desde os anos 1940, vendo um moleque de sua organização fumando um cigarro de maconha?”

“Para mim, que conheci tão bem a Iara, é uma incógnita como ela conseguiu lidar com essas questões dentro do âmbito da luta armada, porque ela era ligada aos grupos de teatro, aos debates da contracultura, disposta a experimentar as coisas”, descreve Maria Lucia. “Mesmo quando a gente estava na VPR, às vezes ela escandalizava os militantes mais velhos, com roupas bonitas, ousadas. ‘Ah, que fútil pensar em roupa’. Mas ela gosta ué!”

A batalha judicial da família Iavelberg começou em 1998, quando solicitou a exumação do corpo de Iara, que obteve em 2003. O professor Daniel Muñoz, da FMUSP, incumbido da investigação, concluiu que o disparo que matou Iara foi de longa distância. Caía por terra a tese de “suicídio”

Para Maria Lucia, o resgate da memória e da história do país é fundamental, inclusive para as lutas contemporâneas. “Se hoje estamos numa democracia, com essa maravilha de protestos estourando no país inteiro, as lutas que foram travadas no passado tem uma importância muito grande”, opina. “As pessoas precisam saber o que aconteceu, a Iara foi assassinada pelo regime militar como muitos e muitos jovens, não dá para esquecer isso, precisa ser contado,

para que nunca mais aconteça”, completa Mariana Pamplona.

A batalha judicial da família Iavelberg começou em 1998, solicitando a exumação do corpo de Iara em busca de provas que confrontassem a versão dos militares a respeito de sua morte. Não obstante uma série de entraves jurídicos — criados até por parte da comunidade judaica, que tentou impedir que Iara fosse retirada da seção reservada aos suicidas no cemitério — a exumação aconteceu em 2003.

A investigação ficou a cargo do professor Daniel Muñoz, da USP, especialista em medicina legal. Além dos dados obtidos pela exumação, Muñoz baseou seu trabalho no rascunho do laudo feito pelo médico legista da época, Charles Pittex, fotos feitas no necrotério e simulações de disparo em pele de porco, para observar como ficam os resíduos de balas disparadas a curta, média e longa distância. O próprio Pittex, apesar de na época ter sido informado pelo delegado de que se tratava de suicídio, colocou um ponto de interrogação acompanhando essa palavra, no rascunho do laudo (o oficial nunca foi encontrado). Muñoz concluiu que o tiro que matou Iara foi disparado de longa distância. Há ainda testemunhos como da zeladora do prédio, que ouviu Iara gritar “eu me entrego” antes do barulho dos disparos.

“Em março, depois da audiência da Comissão da Verdade de São Paulo, veio um casal da Psicologia falar comigo, para ver como divulgar na faculdade a história da Iara, porque as pessoas não sabem”, ressalta Samuel. “É gozado, as coisas vão

passando e a memória não fica, eu já fui lá falar sobre ela algumas vezes. Esse resgate precisa ser feito continuamente”. Emocionado, lembra de uma família de feirantes da VPR. “Eles tinham uma casa em Atibaia, onde guardavam os armamentos. Um dia foram cercados. O pai morreu, a gente chamava ele de Doutor porque, apesar de analfabeto, era inteligentíssimo. A mãe, uma senhora, um menino menor de idade e uma criança foram presos”, narra.

A mãe foi solta como moeda de troca em um dos sequestros de embaixadores. “Depois de anos eu encontrava de vez em quando com Ariston Lucena, o filho mais velho, que tinha sido condenado à pena de morte”, relata Samuel, ressaltando a injustiça de poucos conhecerem sua história. Ariston, que teve a pena comutada para prisão perpétua, sendo libertado após dez anos na prisão, faleceu recentemente, aos 62 anos, em razão de um ataque cardíaco. “É fundamental que as comissões da verdade, em todos âmbitos, resgatem a história dessas pessoas e ajudem a reescrever a história do país”, observa Tuta.

Iara andava sempre com um anel, uma aliança larga de ouro, herança do casamento precoce. “Eu achava o anel lindo, e ao mesmo tempo ela gostava de uma bolsa e um casaco que eu tinha, a gente brincava: ‘Ah, me dá esse anel?’ ‘Só se você me der seu casaco de couro’”, sorri Tuta: “No último dia que nos vimos, antes de entrar no táxi, ela tira o anel, me entrega e diz ‘A gente se encontra no palanque da educação, quando estivermos comemorando a revolução’”.